



MICROCONTOS DE MEGAMONSTROS

UMA ANTOLOGIA
para as crianças,
DOS AUTORES DO
LITERATURA MÍNIMA



literatura
mínima

MICROCONTOS DE MEGAMONSTROS

UMA ANTOLOGIA
para as crianças,
DOS AUTORES DO
LITERATURA MÍNIMA



literatura
mínima



Este livro foi escrito para as crianças corajosas que sabem que os monstros existem, mas não fazem mal nenhum se você souber como alimentá-los e como conversar com eles longe dos dentes afiados e das garras que arranham para valer.

As crianças autorizaram os adultos que ainda não se levam muito à sério a lerem também estas pequenas histórias escritas por adultos que ainda não se levam muito a sério e lembram sobre como lidar com os monstros.



ÍNDICE

Ai, monstro!	Robertson Frizero	05
Agosto	Taís Oya	06
A sombra	Lucimar Vieira	07
Bocarra	Guilherme Balarin	08
Brincadeiras de monstros	Creusa Alves	09
Casa velha, novo medo	Sílvio Marconi	10
Gosmento	Creusa Alves	11
Guelras	Robertson Frizero	12
Guima e as histórias de monstros	Doralino Souza	13
Jogadores de amarelinha	Doralino Souza	14
Manu e a mochila	Misael pulhes	15
Medo do escuro	Cida Nunes	16
Menino do graveto	Janice Nodari	17
Minha amiga verde	Daniel Waismann	18
Noite de Halloween	Cida Nunes	19
O devorador	Doralino Souza	20
O espantalho no canavial	Misael pulhes	21
O monstro das sombras	Osana Santos	22
O monstro embaixo da cama	Ana Mello	23
Os monstros	Edel Sanchez	24
Os monstros pequenos	Maria Neta	25
O morador do guarda-roupa	Tatieli Machado	26
Sonho ou travessuras	Viviane Alves	27
Terrorzinho	Taís Oya	28
Toda noite	Sônia Oliveira	29
Trinta e um de outubro	Dedé Ribeiro	30
Um vampiro no meu quarto	Paulo Alonso	31
Vini valente	Lygia Maria Andrade	32
Xixi versus monstros	Doralino Souza	33
Zoiudo	Jeane Imthon	34



AI, MONSTROS!

Robertson Frizero

Todas as noites, o menino ouvia aquelas vozes estranhas:

– Essas coisas não existem. Dorme.

O sangue do menino congelava... Ele chamava sua mãe, que sempre abria a porta do quarto e de lá dizia:

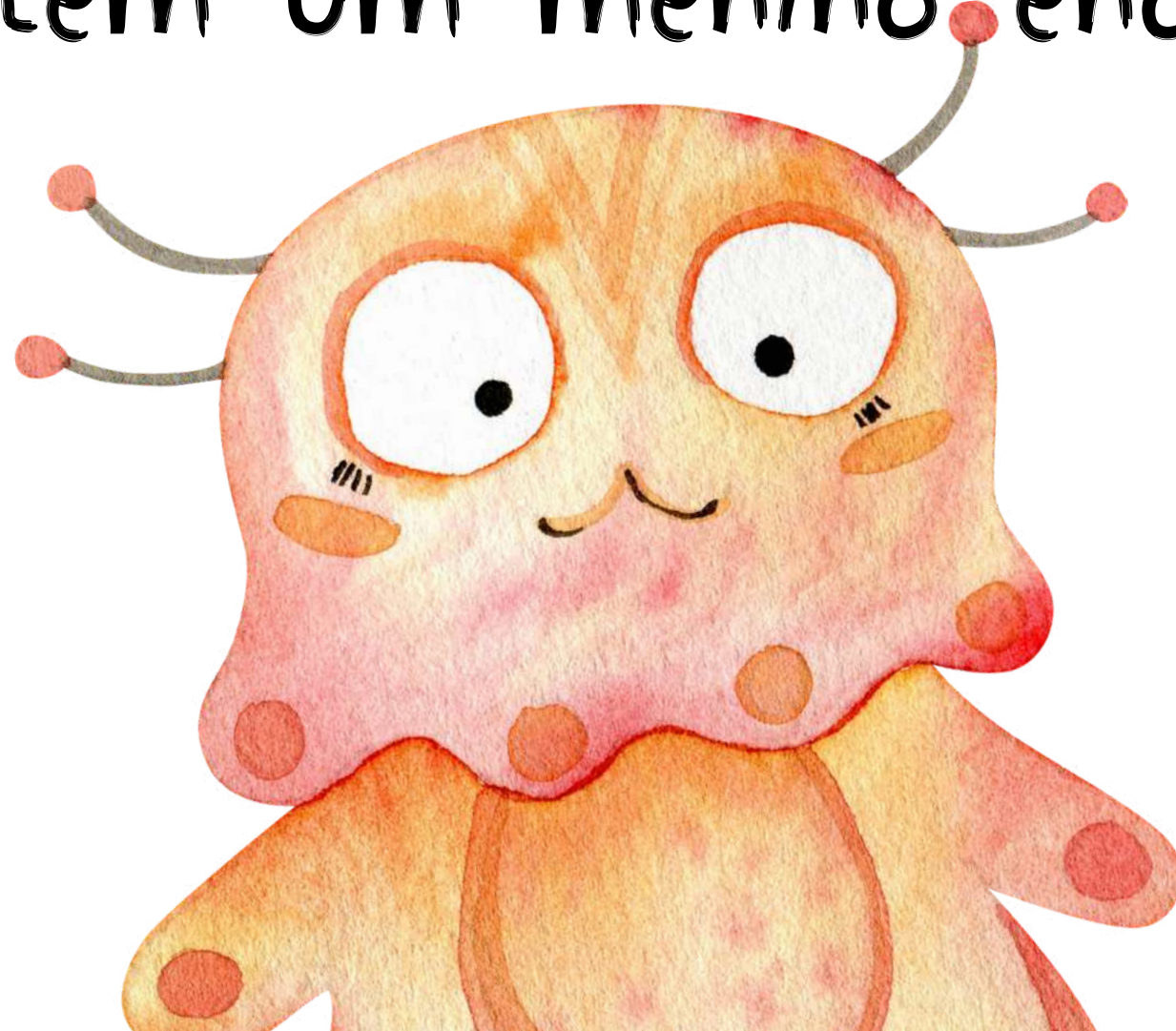
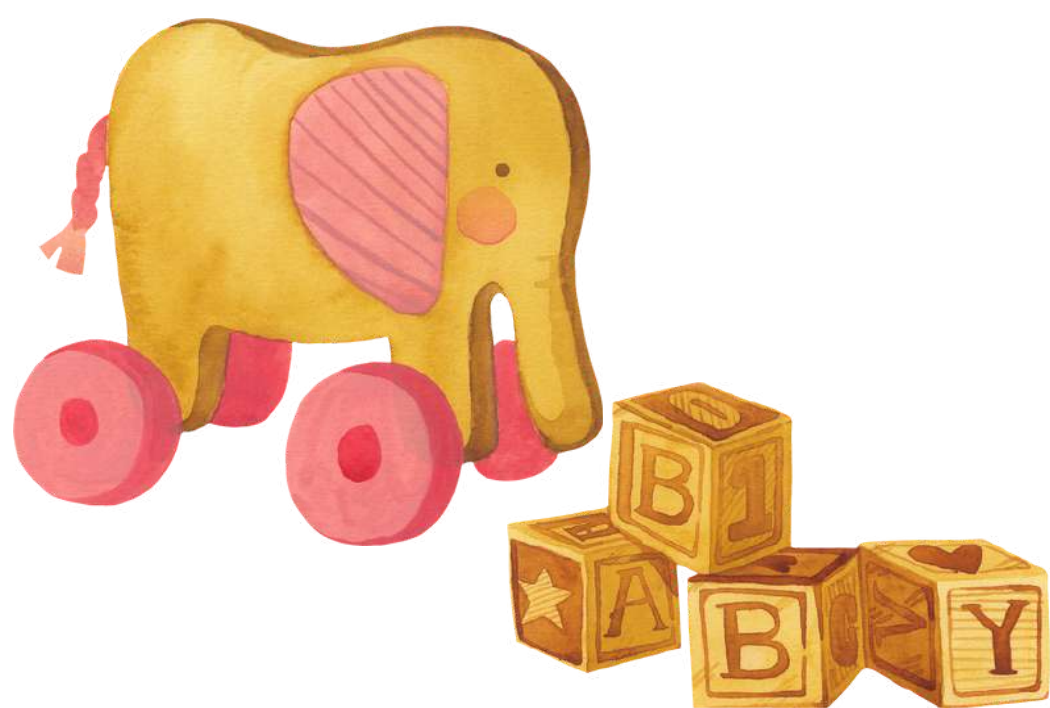
– Dorme, filho. Monstros não existem.

Assim que a porta fechava, voltavam as vozes de baixo da cama.

Um dia, o menino tomou coragem. Armou-se com a lanterna do pai e enfrentou o desconhecido. Ficou quietinho na cama... Quando as vozes começaram, jogou-se no chão e mirou a lanterna na escuridão.

Lá embaixo, entre brinquedos esquecidos e teias de aranha, um monstrinho muito assustado gritou para a mãezinha dele:

– Mãe, corre, tem um menino enorme aqui!



AGOSTO

Taís Oya

– Frauzer, vai fazer a tarefa, vamos sair daqui a pouco.

– Que saco!

Frauzer chacoalhou os ombros e seguiu para seu quarto. A tarefa era a leitura de uma lenda. Ali dizia que havia um homem que carregava um saco nas costas para levar as crianças desobedientes. Ele observou a imagem do tal homem no livro, parecia um monstro, coisa que não existe.

O garoto acabou por demorar tanto a fazer que atrasou a saída com os pais para o jantar. Já na rua, viu passar a figura cinzenta com o saco nas costas, bem na frente dele, olhos brilhando, caminhava devagar. Assustado, pegou a mão da mãe.

Desta vez o homem do saco deixou passar.



A SOMBRA

Lucimar Vieira

O dia de Manuel começava cedo. Ele morava com a avó numa fazendinha de gados. Acordava às quatro da manhã para tirar o leite e ir para a escola.

Naquele dia, no caminho do curral, ele avistou algo monstruoso na sua frente. Recuou. Sentiu que não sairia vivo daquela emboscada. Mas, precisava continuar. Chegou mais perto. As pernas tremiam. Era seu fim. Enfrentaria o bicho, já era homem suficiente. Criou coragem e foi para cima dele. Travou uma batalha mental. Chegou perto, mais perto. Decifrou o gigante.

Era apenas a sombra de uma moita.



BOCARRA

Guilherme Balarin

Quando o corajoso Benjamin ouviu o estranho ronco sob seu colchão, num pulo foi investigar. Uma boca gigante estava vivendo debaixo da cama. E, junto com ela, vinha uma fome gigante. Sempre que Benjamin entrava ou saía do quarto, jogava alguma coisa para a boca comer: os soldadinhos, depois a coleção de carrinhos; os sustos com pesadelos, o tabuleiro de xadrez do vovô, o medo de mariposas. Até que a boca exigiu a maior coisa de todo o mundo que Benjamin tinha. O garoto pensou e decidiu. Mandou a boca gigante embora. O espaço debaixo da cama voltou a ficar vazio e silencioso. Benjamin jamais daria o amor pelos pais para aquela bocarra.



BRINCADEIRAS DE MONSTROS

Creusa Alves

A primeira vez que vi um monstro gritei até perder a voz.

Minha irmã acordou e me largou no quarto sozinho. Despertei com a figura de um monstro verde com dentes e garras enormes e afiadas prestes a me atacar! Tudo em sua volta era vermelho como sangue. Cobri a cabeça, ouvia o urro da fera e a batida do meu coração quase saindo pela boca. Comecei a ouvir vozes.

—Isabela, não é para brincar mais de “cabanas de monstros” com seu irmão!

Vi, por trás do abraço de minha mãe, o sorriso irônico de Isa agarrada àquela almofada horrenda.



CASA VELHA, NOVO MEDO

Sílvia Marconi

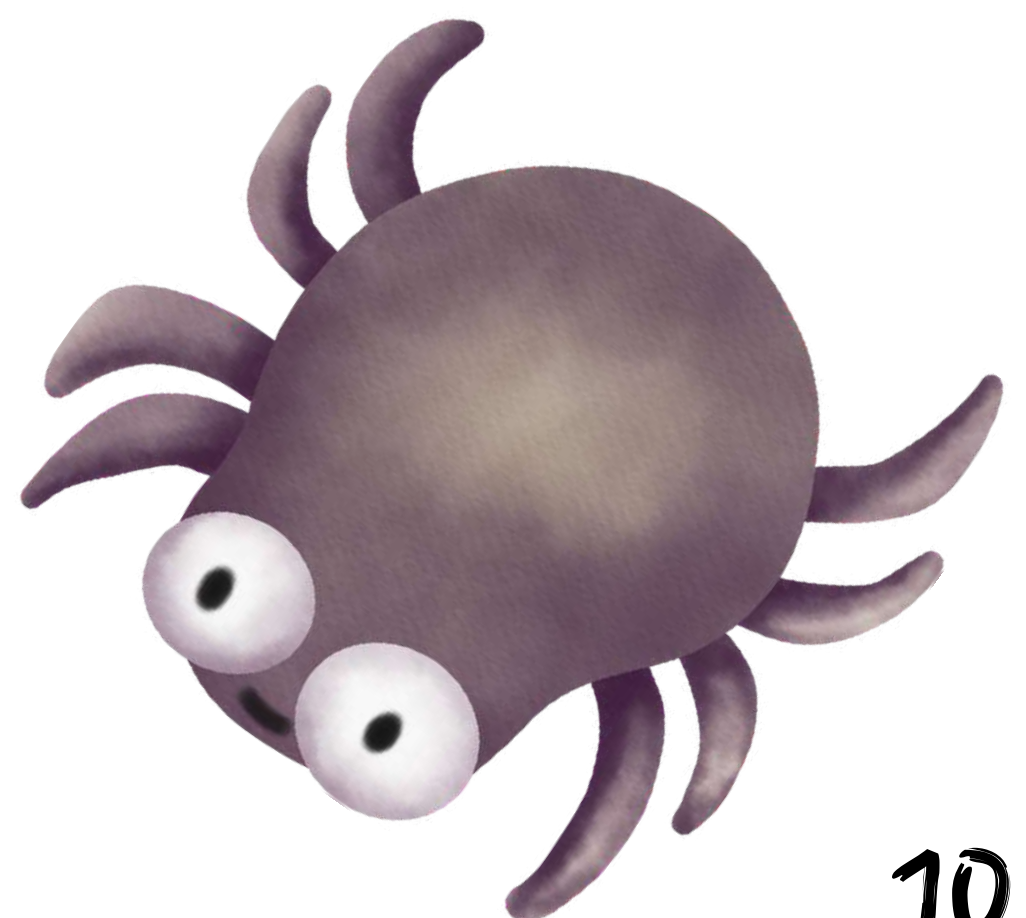


A nova casa no interior era modesta e antiga.

O quintal, imenso; muita terra, capim alto e árvores. Pensei: "Esse lugar deve ser cheio de insetos, cobras e lagartos".

A primeira noite foi indescritível. Uma fresta da janela deixava passar o movimento de luzes dos carros na rua e desenhava aranhas nas paredes. A imaginação fazia com que se movessem pelos cantos do teto.

Depois de horas a contar as batidas do coração aterrorizado, fui vencido pelo sono, que durou até a manhã seguinte. Acordei bastante assustado, fui buscar vestígio das aranhas gigantes; vi que eram manchas na parede velha.



GOSMENTO

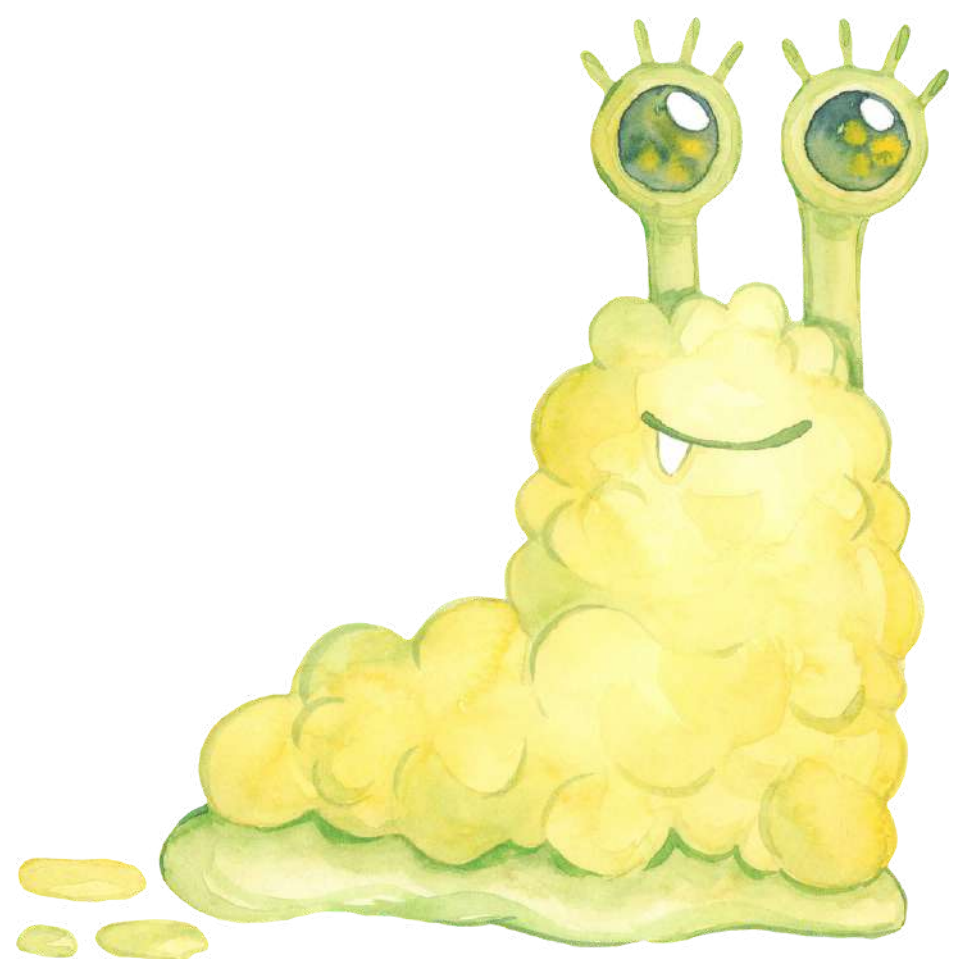
Creusa Alves

– Pedro, vá já para seu quarto! – Disse a mãe, com o papel da suspensão escolar na mão, trêmula.

A porta foi fechada bruscamente. Logo, pela brecha, brotou uma goma líquida e pegajosa que tomou todo o piso do corredor e escorria pela escada. Aquilo se avolumava, desciam novas cores, formando um monstro disforme e devorador de formas vivas. O Bob latiu e foi o primeiro.

Pedro parecia se divertir ouvindo os gritos de pavor das pessoas na medida em que iam sendo engolidas pelo monstro.

A mãe foi até o quarto e encontrou Pedro adormecido. No chão, potes de slimes espalhados.



GUELRAS

Robertson Frizero

- Quanto tempo?
- Vinte segundos.
- Droga! Preciso de mais tempo!

Toninho queria viver no fundo do lago. O irmão dele, ler o gibi sossegado; mas, a mãe tinha posto ele de guardião do menor.

– João, o que eu preciso para respirar embaixo d'água?

– Guelras.

Sem o irmão perceber, Toninho correu em casa. Desenhou no pescoço um par de guelras; jurou não sair da água antes da transformação...

Toninho sentiu o corpo de menino indo embora quando garras de monstro arrancaram ele da água. Um grunhido acompanhava os apertões no peito. De repente, o monstro era seu irmão, que xingava e sacudia de felicidade.

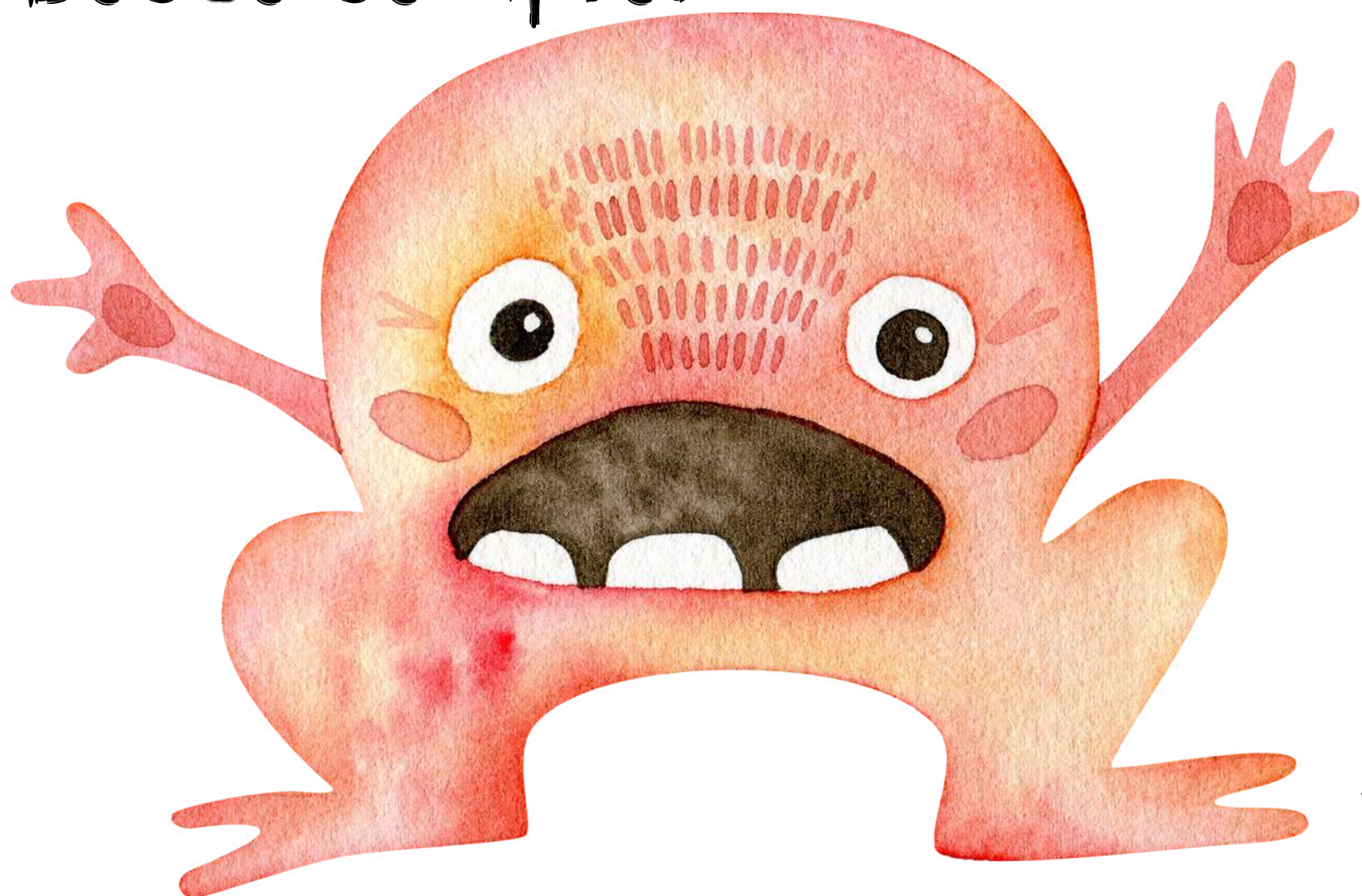
Toninho nunca mais quis morar nas águas.



GUIMA E AS HISTÓRIAS DE MONSTROS

Doralino Souza

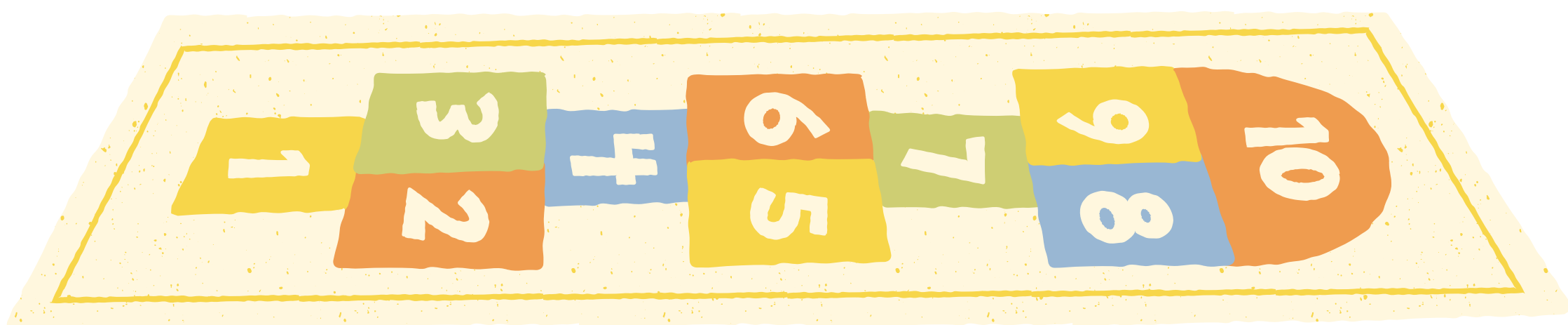
Guima era um sapo. Cor de laranja. Magro e culto. Mesmo assim, era um sapo. De cartola na cabeça, óculos de graus e uma pilha de livros nos braços, esperava os visitantes irem embora, escondido dentro do armário. De repente, a voz do pequeno Miguel: “pode vir, não tem ninguém”. Guima saltitava do esconderijo, olhava pros lados e, em novo salto, aterrissava sobre o colchão. Miguel gargalhava. “Hoje teremos histórias de monstros” Guima anunciava. “Oba! Viva!”, o menino aplaudia. E parecia feliz. Guima narrava suas histórias tão bem que eles até esqueciam que estavam numa cama de hospital. Desde sempre.



JOGADORES DE AMARELINHA

Doralino Souza

Davi sabe. Tem algo estranho andando no telhado, ou, melhor, pulando. Nunca acreditou na conversa do pai: “é o gato do vizinho”. E gato acaso pula amarelinha? Por que é isso que o Davi escuta todas as noites. Quietamente. Deitado na cama. Coberto até o pescoço. Olhos arregalados mesmo no escuro. Ouvido espichado para o barulho no alto da casa. Logo começa os pulinhos. Davi acompanha contando os quadradinhos mentalmente. Até ouve a pedrinha. Deve ser os Minigous, filhotes de monstro que adoram brincar nas telhas das casas, o Neco contou outro dia. Mas são mostrinhos do bem. Se convence.





MANU E A MOCHILA

Misael pulhes

(Para Manuela)

Manu não queria voltar às aulas. Todos os seus coleguinhas era maus, pareciam uns monstros. Teve até febre na última noite das férias. Quando acordou, na manhã seguinte, sua mochila amarela estava enorme. Vinha em sua direção com passos firmes, balançando os zíperes, broches e cuspiendo os livros no chão do quarto.

Manu se encolheu no pé da cama. A mochila chegou bem pertinho. Encaixou suas alças nos braços da garota e a abraçou.

Ficaram juntas por horas. No início da tarde, Manu levantou, pegou os livros no chão e, cheia de coragem, foi para a escola.



MEDO DO ESCURO

Cida Nunes

O escuro parecia assustador. Maria só dormia com a lamparina acesa!

Certa noite, ao acordar com um barulho vindo da porta, percebeu que estava tudo escuro! Encolheu-se debaixo do cobertor e começou a gritar.

“Só pode ser um mostro que veio me pegar!”, pensou ela, trêmula.

Mas, quando alguém puxou as cobertas, ela calou-se ao ver sua mãe com uma vela nas mãos. A menina pulou sobre ela, agarrado-a, aliviada.

— Calma! — Disse a mãe. — Foi só o querosene da lâmpada que acabou. Monstros não existem, já disse!

Um novo barulho fez sua mãe pular sobre a cama.

— Eu também acho! — O pai deu uma sonora gargalhada!

MENINO DO GRAVETO

Janice Nodari

Luiz era o herói da rua – o único com coragem de passar pela casa do Velho Matias para ir até a vendinha comprar balas.

Mas, sempre que fazia esse trajeto, antes procurava um galho, o mais longo. Assim que o encontrava, armava-se de coragem e espada, e seguia.

As outras crianças ficavam de longe ouvindo os rugidos do monstro atrás da cerca da casa do velho. Já Luiz seguia, espada-graveto na mão, suando de pavor. “É preciso enfrentar os monstros,” pensava, sem muita certeza.

Assim que chegava na vendinha, respirava aliviado e acenava para os demais. Voltaria com os doces.



MINHA AMIGA VERDE

Daniel Waismann

Na hora do banho, Juliana apareceu.
– Mamãe, olha ela aqui de novo – gritei.
Mamãe olhava em volta, debaixo da pia,
e resmungava que era coisa da minha
cabeça, que podia tomar banho
sossegada.

Concordei, entrei no box.

Mamãe suspirou aliviada e voltou a
repetir que monstros não existiam.

– Tem razão mamãe – e liguei o
chuveiro.

Lá dentro, sentada no chão, Juliana
piscou um dos seus olhinhos amarelos e
balançou seu pescoço verde e, com seu
rabo comprido, alcançou o sabonete para
mim. Fez um barulhinho agudo com a
boca. “Sua mãe nunca vai entender”, ela
quis dizer.





NOITE DE HALLOWEEN

Cida Nunes

"Doces ou travessuras!", gritaram na rua.

O menino acordou olhando pela frestas da janela, curioso; mas o que viu o deixou muito assustado! Pessoas que pareciam mortos e monstros andando pela rua, com abóboras e nabos acesos nas mãos peludas!

O grito chamou a atenção dos pais, que vieram correndo para ver o que era.

O menino escondeu-se debaixo da cama, gritando ainda mais.

Só então os pais tiraram as máscaras:
– É apenas uma brincadeira, filho. É noite de Halloween.

Pegaram o filho no colo e deram doces para acalmar seu coração disparado de medo.



O DEVORADOR

Doralino Souza

Dentro de um pote, sobre o balcão, na cozinha da casa de Gabi era onde ficavam as paçoquinhas Mirabel. Eram as mais saborosas e as favoritas de Gabi. Só que a mãe permitia que a filha comesse apenas uma ao longo do dia.

Mesmo assim, as paçoquinhas continuavam desaparecendo do pote.

"Isso é obra do monstro devorador de paçoquinhas", disse a mãe.

Gabi fez cara de espanto e fingiu acreditar. Mas ela sabia que o devorador de paçoquinhas costuma engolir a embalagem também, e não a joga na lixeira, ao lado da pia.

O ESPANTALHO NO CANAVIAL

Misael Pulhes

No meio da plantação de cana, havia um espantalho sem um dos olhos. Bruninho sempre o via quando ia brincar na fazenda do avô. Certa noite, o menino se perdeu, triste, dentro do canavial. Chorava por não ter amigos mais. Uns primos tinham crescido, estavam chatos; outros tinham ido embora. A lua cheia subiu no céu e hipnotizou o garoto. Ele viu uma sombra crescendo sobre si. Olhou para trás. O espantalho estava parado com o olho fixo em Bruninho. O garoto respirou fundo, criou coragem:


– Quer brincar?

O espantalho chegou mais perto, imenso. Sorriu e balançou a cabeça que sim.



O MONSTRO DAS SOMBRAS

Osana Santos



Na primeira vez que ele bateu em minha janela, escondi-me debaixo do cobertor e gritei:

– Mãe, socorro! Papai, tem um monstro na minha janela!

Eles não me ouviram.

Trêmulo, observava-o pela fresta do cobertor: suas garras eram enormes; com o rosto desfigurado ele fazia caretas horríveis, assobiando e urrando.

Com o tempo, eu perdi o medo. Ria de suas caretas e de sua dança frenética, até adormecer.

Contei aos meus pais que um monstro me visitava todas as noites.

– São as sombras dos galhos do pé de figueira balançando com o vento! – Insistia mãe.

Nunca acreditei nela.

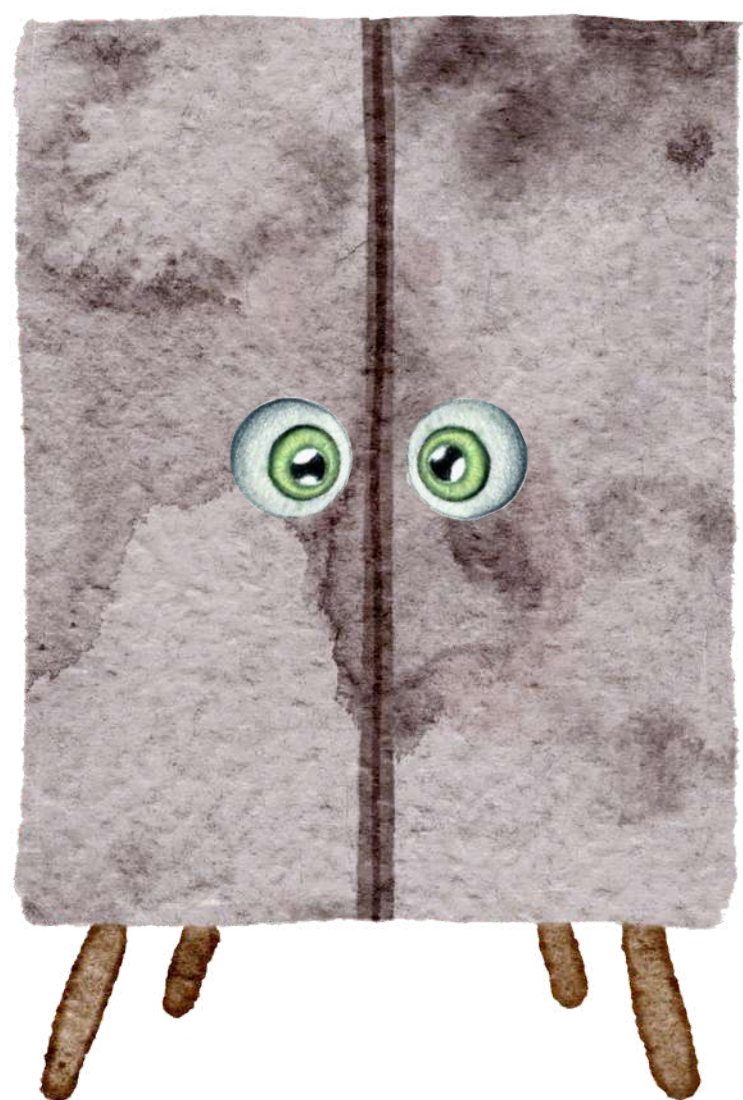


O MONSTRO EMBAIXO DA CAMA

Ana Mello

Meu irmão adorava me assustar, coisa de irmão mais velho. Ameaçava jogar meu coelho de pano no poço do quintal. Comia as cabeças dos meus coelhos de chocolate na Páscoa. Talvez ele tivesse um problema com coelhos. Mas um dia ele ficou doente e com muita febre, tanto que delirava. A mãe pediu para eu não ficar perto dele, pois seria mais um doente em casa. À noite, quando todos dormiam, fui abraçá-lo e ele pediu para ver o que tinha embaixo da cama dele. Abaixei, olhei nos olhos daquele ser peludo e babão e falei - não tem nada aqui.





OS MONSTROS

Edel Sanchez

Chico está no seu quarto, sentado na cadeirinha, desenhando na mesa em frente. Ele gosta de desenhar monstros com quatro olhos, três dedos, quatro braços e duas pernas.

Sua mãe vem ao quarto de Chico:

– Chico, tá na hora de dormir!

Ele vai para a cama e não consegue dormir, pensando nos monstros. De repente, olha para o armário e vem uma vontade enorme de cochilar... E os monstros tomam vida; saem do armário, fazendo uma dança maluca. Chico começa a gritar chamando pela mãe – tem medo de que eles possam pegá-lo!

– Que foi, Chico? – A mãe ajeitou a coberta e afofou o travesseiro do menino.
– Foi só um pesadelo! Dorme filho...

Chico, com medo, voltou a dormir. Sonhou que estava nos braços do anjo da guarda.

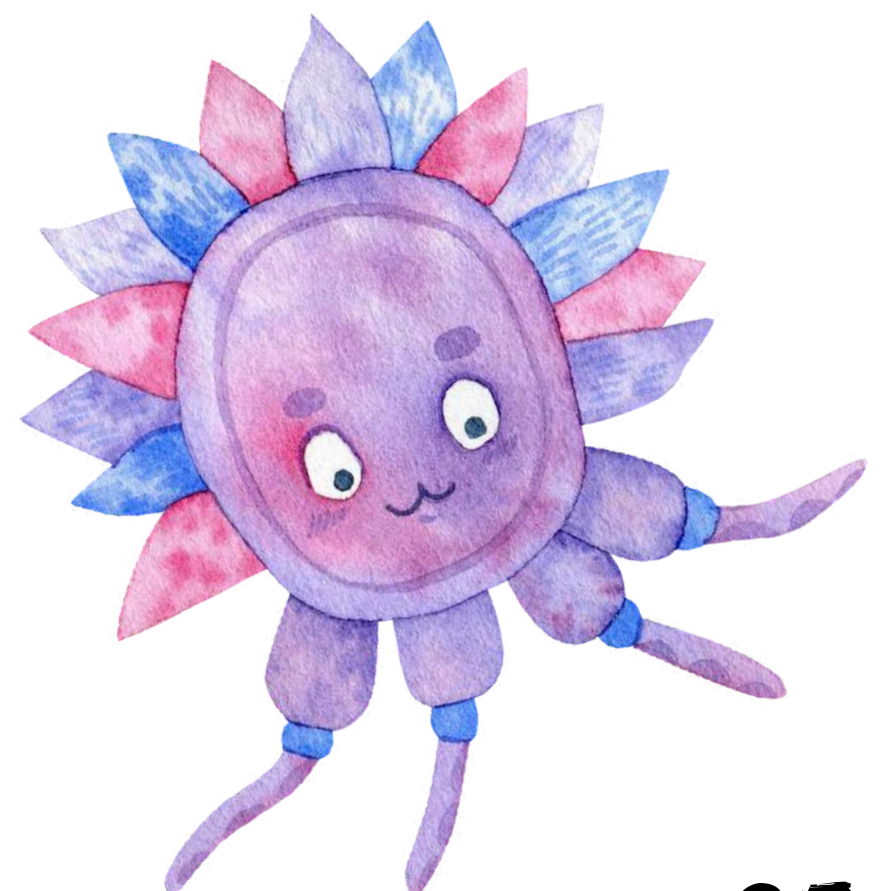
OS MONSTROS PEQUENOS

Maria Neta

Os monstros eram pequenos, quase invisíveis, mas fizeram ninhos em minha cabeça e sugavam meu sangue. Fiquei fraco, desconcentrado e sentia que enlouquecia com eles, pés fincados embaixo dos meus cabelos.

Meus amigos se assustaram quando um deles caiu em cima da mesa – e se afastaram de mim. Os outros me picavam e faziam coçar sem parar. Vi-me sem amigos. Já não sonhava com os heróis das histórias, não ria, não brincava, não lia e não aprendia.

Felizmente, minha mãe descobriu os monstros, que já botavam ovinhos para nascerem novos monstros – e, com água, xampu e pente, acabou com eles.



O MORADOR DO GUARDA-ROUPA

Tatieli Machado

Adultos dormem sozinhos em um quarto grande e escuro, mas uma criança? E se no meio da noite aparecer um monstro peludo? E se Bruna ficar tão apavorada que não conseguir nem gritar e pedir socorro?

Por sorte a menina era inteligente, espalhou peças de lego por todo ao chão. Afinal, monstros possuem pés enormes e não usam chinelo. Só que a armadilha não evitou o barulho que, no meio da noite, vinha do guarda-roupa.

Bruna gritou, correu, machucou os pés!

No dia seguinte, a mãe apareceu com uma ratoeira.





SONHO OU TRAVESSURAS

Viviane Alves

Heitor estava parado diante do casarão há tempos. O lugar era assustador e nenhum outro menino se atreveu bater ali. De repente, o portão foi aberto por uma graciosa menina:

– Oi, sou Alicia.

– Doces ou travessuras? – perguntou Heitor, tentando não reparar nas pontiagudas presas que apareceram quando ela sorriu.

– Travessuras. – respondeu ela, puxando-o pela mão.

Aquele lugar parecia um paraíso com brincadeiras, doces, diversões.

Num piscar de olhos, Heitor se viu novamente do lado de fora. Aquilo poderia ser explicado como um sonho, não fosse por uma sacola, repleta de doces, escrita: “Até o próximo ano”.



TERRORZINHO

Taís Oya

Ele despertou em meio à escuridão. A primeira coisa que viu foi a porta do guarda-roupa aberta. Dentro, um par de olhos grandes brilhavam como faróis acesos. Desesperado, gritou "mamãe!" - sua voz falhou. Debaixo do cobertor, ficou quente, muito quente - ele tremia. Tentou outro grito, "mamãe!"; sentiu sua boca seca, não ouviu o pedido de socorro sair. O garoto cobriu a cabeça e esperou pelo pior. Imaginou que o monstro já estivesse ao lado da sua cama e, dali, arrastaria-o para algum lugar atrás do armário, além das paredes...

Pela manhã, ele conferiu o guarda-roupa e ali estava a boneca da sua irmã. Os olhos ainda brilhavam.



TODA NOITE

Sônia Oliveira

A noite sempre foi temerosa para Lilita... A menina evitava dormir, todas as noites, por causa dos monstros da parede.

Dorme, minha filha!

– Não, mamãe, eu não gosto de dormir.

– Você precisa dormir... E não entendo de onde tira essas ideias. – A mãe olhava para todos os lados.

– Eu tenho muito medo. – Continuava Lilita a chorar, encolhida debaixo dos lençóis.

Sua mãe estava preocupada, com a situação a afetar a saúde da menina. Nem o médico da família, a quem recorreu, conseguiu um diagnóstico para Lilita.

Depois de muito pesquisar e observar sua filha que parecia doente, a mãe teve uma ideia: começou a retirar as roupas penduradas nos pregos.

Lilita arregalou os olhos:

– Era a sombra das roupas...



TRINTA E UM DE OUTUBRO

Dedé Ribeiro

Zumbis, monstros e outras criaturas das trevas, lambuzados de chocolate, tocavam todas as campainhas da rua. Só não tocavam em uma: a da casa coberta por plantas. De repente, uma menina vestida de bruxa saltou à frente:

— EU vou. Aprendi que bruxas são apenas mulheres que estudam muito e, por isso, têm poderes. Não tem nada de mais!

A menina não só tocou a campainha, como entrou na casa, assim que a porta se abriu com tal rangido que fez a criançada fugir gritando. Lá dentro, sua avó esperava, com um gato fofo e uma poção quentinha, que encheria as duas de amor.

UM VAMPIRO NO MEU

QUARTO

Paulo Alonso



Tudo começou em volta da fogueira, no acampamento da escola, onde Carlinhos soube tudo sobre vampiros.

Descobriu depois que havia morcegos em sua rua, vendo e ouvindo passarem pela sua janela. Toda manhã, conferia os pescoços de toda a família, inclusive do cachorro. Por segurança, guardou um crucifixo e água benta que pegou escondido da mãe.

Mas, tudo mudou quando Carlinhos passou mal depois do almoço e descobriram sua alergia a alho.

Assustado, jogou fora suas armas, fugiu do sol usando blusa com capuz, e até dormiu dentro do guarda-roupas.

Perdeu seu medo, mas seus pais ganharam um.

VINI VALENTE

Lygia Maria Andrade

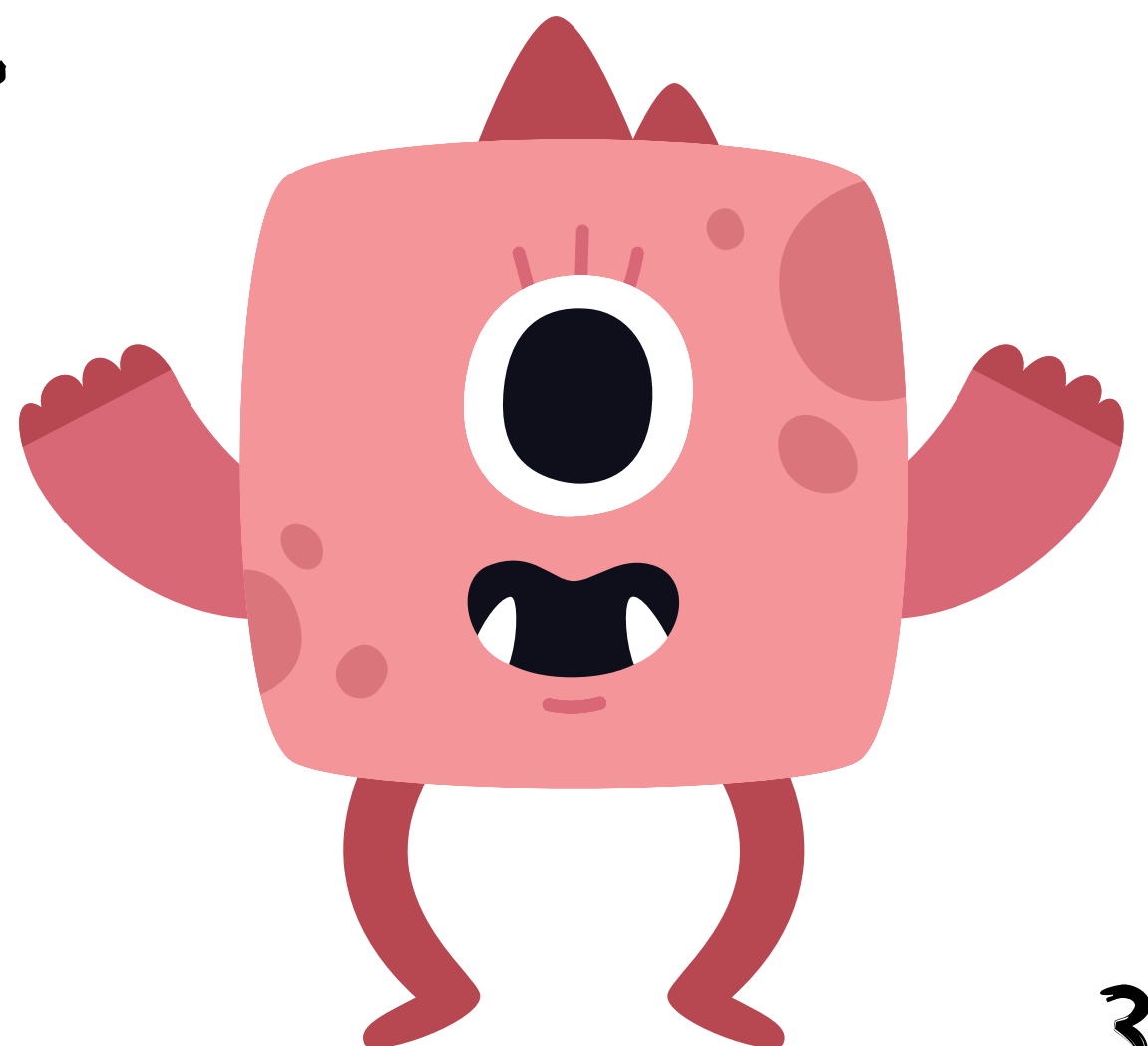
Vini sempre ouvia da sua mãe que era corajoso. Não chorava quando tomava injeção nem tinha medo do chulé do José, seu irmão. Só uma coisa deixava Vini com os olhos arregalados: tinha medo de encontrar monstros no quartinho dos fundos da casa.

Um dia ele acordou decidido a mudar isso. Foi até o quartinho e falou baixinho:

– Monstro, não tenho mais medo de você!

O monstrinho apareceu. Estendeu a mãozinha rosa e sorriu.

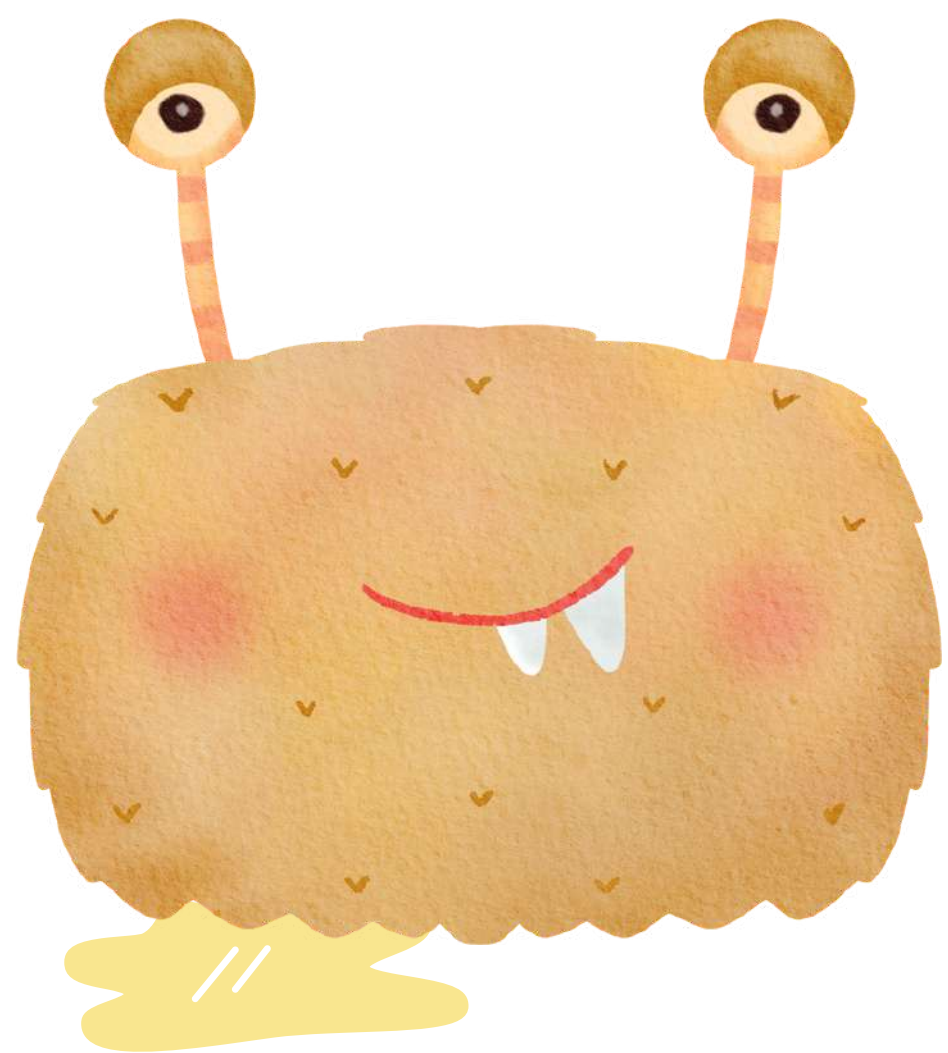
Vini entendeu que o monstro era apenas alguém diferente dele. Abraçou o amigo cor de chiclete e o levou para andar de skate. Viraram irmãos.



XIXI VERSUS MONSTROS

Doralino Souza

A vontade de fazer xixi acordou o Carlinhos. E agora? Como ir ao banheiro? A luz do abajur alumia até a porta, depois é escuridão. Sem falar nos ruídos que escuta nessas horas. Ruídos? Verdadeiros rugidos! Parece até que é o único capaz de ouvir esses rugidos de monstros. Não, senhor! Melhor segurar até de manhã. Já falou com o tio Gê, os monstros estão em todas as partes. Na pia, atrás do sofá, dentro do casaco no cabide, debaixo do tapete. Tio Gê não ia brincar com coisa séria. É adulto. Não pode mentir. Melhor mesmo um xixi quentinho.



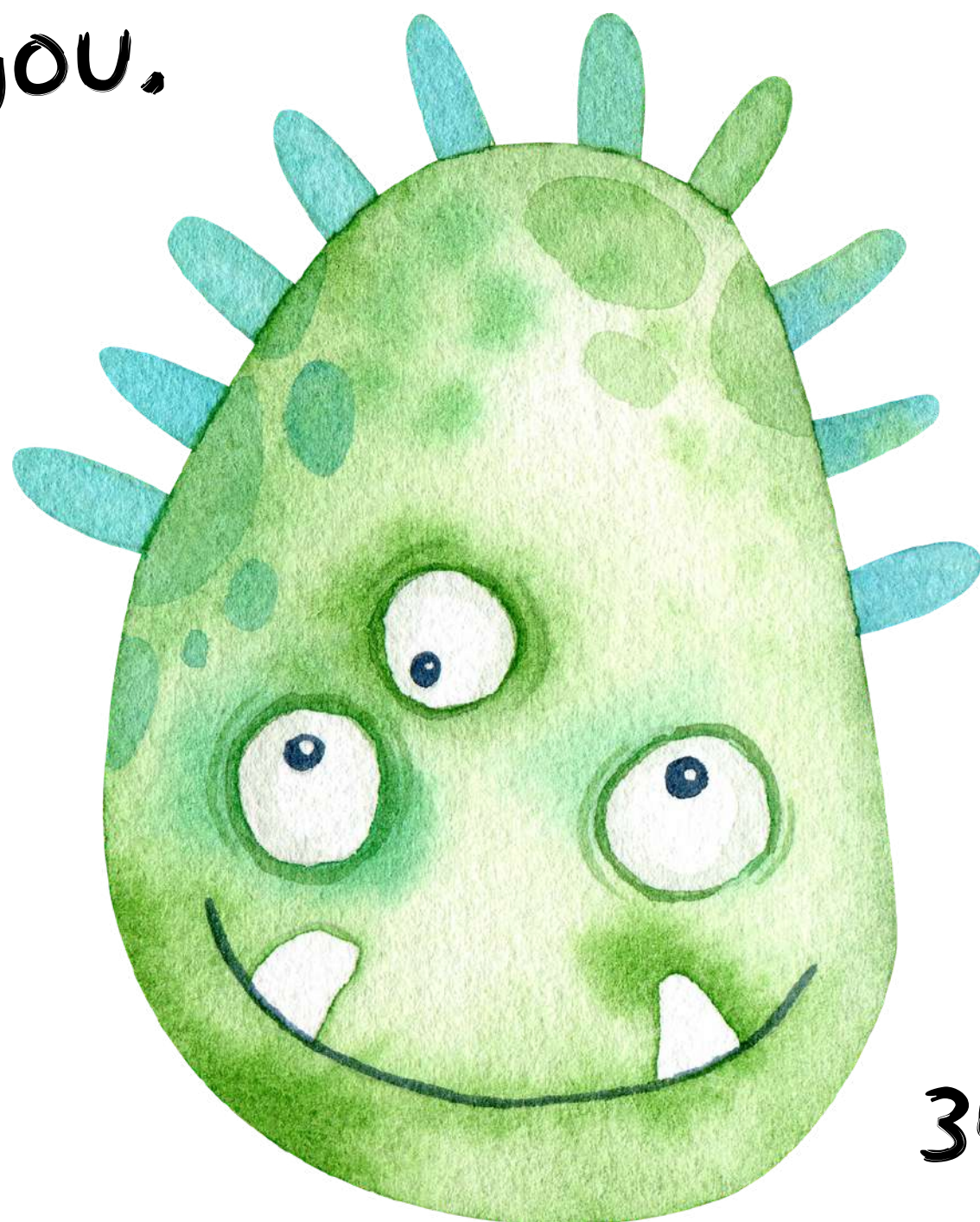
ZOIUDO

Jeane Imthou

Embaixo da cama, vivia um monstro. Era monstro na feiura, imaginava eu, mas não na malvadeza. Apesar dos olhos grandes, devia era chamar-se Bocudo, talvez até Pançudo. Mas dei-lhe o nome Zoiudo, antes mesmo de saber que era um monstro comilão.

O pé esquerdo do chinelo, uma peça vermelha do lego e a minha carta de Pokemon – foi essa sua última refeição.

Mas ontem veio aqui a vó Dedê. Numa operação chamada faxina, pôs tudo de pernas pro ar. Zoiudo fugiu apressado. Nem um bilhete deixou. Mas até o meu gibi do Naruto o Zoiudo largou.







Ei, professor!

Peça-nos o caderno de atividades para usar este e-book com seus alunos, em sua sala de aula! É grátis!

Escreva para:

 literatura
mínima

frizero@live.com

WhatsApp:

(51) 99117-1663



Peça por e-mail as
nossas antologias
gratuitas:
frizero@live.com



O Clube de Criação Literária é um programa de formação continuada para escritores, com uma intensa programação mensal de oficinas literárias e cursos. É também um coletivo de autores que promove ricas trocas culturais e diversos projetos de produção e divulgação de textos literários - dentre eles o LITERATURA MÍNIMA. Conheça o Clube e suas vantagens, seja um de nossos afiliados;

www.apoia.se/clubedecriacaoliteraria

Este ebook foi produzido pelo projeto Literatura Mínima, cujo objetivo é a divulgação da Literatura Minimalista. O livro tem distribuição gratuita e agradecemos sua distribuição e divulgação.

Conheça o LITERATURA MÍNIMA e registre lá a sua opinião sobre este livro-presente:



@literaturaminima



literatura
mínima

Brasil, outubro de 2022.

Todos os direitos reservados aos autores.

Curadoria, organização, diagramação e revisão:

Robertson Frizero

Contatos: Robertson Frizero

[frizero@live.com]

Fonte usada: Finger Paint